



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A INFÂNCIA PELO OLHAR DAS CRIANÇAS: UM ESTUDO NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DA REGIÃO DO AGRESTE PERNAMBUCANO

Joane Santos do Nascimento Saturno¹; Amanda Freitas Souza²; ³Conceição Gislâne Nóbrega Lima de Salles

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) / Centro Acadêmico do Agreste (CAA)

Email: joanesantos05@hotmail.com

RESUMO

Reconhecer as singularidades infantis, especificamente no contexto da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, tem se constituído um desafio da educação brasileira. As amplas reformas que ocorreram nos últimos anos, sobretudo, referente à ampliação do Ensino Fundamental para nove anos, acabaram por problematizar o lugar da criança, infância e da sua educação. Assim, partindo do descentramento do olhar do adulto sobre esta questão, desenvolveu-se a pesquisa intitulada: *A Infância pelo olhar das crianças: um estudo nas Escolas Municipais da Região do Agreste Pernambucano*⁴. Objetivando através do desenvolvimento dessa pesquisa compreender os sentidos e os significados veiculados entre as crianças da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como campo empírico, delimitou-se Pré-escolas e escolas dos anos iniciais do Ensino Fundamental das Redes Públicas Municipais da Região do Agreste/PE, especificamente das cidades Toritama e Belo Jardim. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se observações e entrevistas semiestruturadas com crianças das referidas instituições. Levando em consideração que a pesquisa encontra-se em fase de conclusão, de acordo com as análises empreendidas pode-se pontuar de antemão que a ênfase na aprendizagem conceitual, com maior intensidade no Ensino Fundamental, tem minimizado o lugar da infância na escola. As vozes das crianças que chegava a ressoar como reivindicações demonstraram a pouca atenção dada à especificidade da Educação Infantil e Fundamental.

Palavras-chave: Infância. Educação Infantil. Ensino Fundamental.

INTRODUÇÃO

Há uma variedade de noções de infância existente na sociedade. Essas noções, conforme Sarmiento (1997) foram construídas historicamente. Existem tanto aquelas que primam o que a criança é, como as que valorizam o que a criança não é. E é justamente essa última concepção que

¹Aluna especial do programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea (PPGEduC) da UFPE/CAA. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco UFPE, Campus Agreste CAA.

² Estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco, Campus Agreste.

³ Profa. Doutora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/CAA).

⁴ Pesquisa financiada pelo CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e tecnológico.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

habitualmente tem permeado o âmbito escolar brasileiro e acarretado conseqüências para as crianças.

As próprias pesquisas desenvolvidas na área têm tomado como fundamento o ponto de vista do adulto sobre o da criança. Quando se pensa em questões sobre a mulher, idosos, ou jovens, indaga-se respectivamente estes sujeitos, todavia quando se pensa em questões sobre a infância não se faz da mesma forma. Tendencialmente prefere-se falar sobre as crianças, que falar com as crianças.

A partir desse contexto, desenvolveu-se a pesquisa intitulada: “A Infância pelo olhar das crianças: um estudo nas Escolas Municipais da Região do Agreste Pernambucano”. Investigação que objetiva compreender os sentidos e os significados veiculados entre as crianças da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Um aspecto estruturante na formulação da problemática desta pesquisa diz respeito às modificações geradas a partir da ampliação do Ensino Fundamental para nove anos. Reforma que trouxe para a ordem do dia o debate sobre a infância na escola. Pois, inserir as crianças aos seis anos no Ensino Fundamental, implica em uma revisão da proposta pedagógica a fim de que a transição não implique em rupturas.

Nesse contexto, considera-se que o desenvolvimento desta pesquisa justifica-se não somente pelo fato de que essa mudança de atitude investigativa concede à criança a alteridade que lhe é de direito. Permitindo olhá-las e indagá-las apreendendo suas vozes para suscitar como estão nomeando e compreendendo a infância e a sua educação. Como principalmente por se desenvolver dentro de uma localidade, a região do Agreste, cuja produção acadêmica referente a esta temática, ainda é relativamente minoritária quando se compara à produção de outras regiões do país.

METODOLOGIA



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Em termos metodológicos este estudo caracteriza-se por uma abordagem de cunho qualitativa e enfoque etnográfico (GEERTZ, 1989). Para o cotejamento dos dados utilizou entrevistas semiestruturadas, com perguntas definidas, no entanto, abertas assemelhando-se mais a uma conversação. Essas entrevistas foram realizadas com crianças⁵ dos anos finais da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Como campo empírico delimitou-se Pré-escolas e escolas dos anos iniciais do Ensino Fundamental das Redes Públicas Municipais da Região do Agreste/PE, especificamente das cidades Toritama e Belo Jardim. Abarcando duas escolas de cada município, sendo uma escola de atendimento da Educação infantil e outra dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Em Toritama foram entrevistadas 14 crianças da Educação Infantil e 16 crianças do Ensino Fundamental. Em Belo Jardim 10 da Educação Infantil e 14 do Ensino Fundamental.

Para a análise dos dados, que ainda se encontra em andamento, apoiou-se na análise do discurso de Michael Foucault (1986). Optou-se por dar vez e voz às crianças tendo em vista que é paradoxal por um lado pesquisadores apresentarem as crianças como atores sociais e por outro não contar com sua participação na produção de dados em pesquisas que lhes dizem respeito. Afinal, quem melhor que as crianças para se posicionar sobre questões que lhes afetam? Portanto, compondo os estudos emergentes que valorizam a participação da infância na produção de dados, esta pesquisa prossegue assumindo o compromisso de tomar as crianças como os sujeitos principais da investigação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tomando como pano de fundo a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos, esta pesquisa centraliza sua atenção não no tempo em si, mas no trabalho eficaz deste tempo. Conforme Paschoal e Moreno: “Não é o aumento de tempo de permanência na escola que fará com que a criança tenha acesso aos bens culturais da humanidade, mas a qualidade do trabalho que é

⁵ Os sujeitos desta pesquisa serão identificados por nomes fictícios a fim de preservara identidade dos mesmos. Assim, crianças de Belo Jardim obterão seguido do nome entre parênteses a abreviação (BJ), bem como, crianças de Toritamaterão a abreviação (T). Para identificação do nível de ensino antes das abreviações constará: EI – referente à Educação Infantil e EF - Referente ao Ensino Fundamental.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

desenvolvido com ela na sala de aula, independentemente do nível de ensino” (PASCHOAL; MORENO, 2009, pág. 45). Assim, apresenta-se a seguir os principais resultados encontrados até o momento no que concerne a presente pesquisa.

As escolas de atendimento Infantil devem adequar-se quanto à especificidade do público ao qual atende. Desde a estrutura física ao cotidiano escolar. Porém, a estrutura física das escolas campo de estudo demonstrou-se inadequada para a movimentação necessária das crianças na escola. Isso se deve em grande parte pelo fato de que as referidas instituições funcionam em casa-escola, que são casas alugadas ou compradas para fins educativos.

Quanto à rotina escolar as crianças por unanimidade descrevem, ao seu modo, a mesma sequência de atividades realizadas. Basicamente: reza, atividade, recreio, atividade. As vezes, apenas na Educação Infantil, havia música após a reza. Em linhas gerais, caracteriza-se pelo enquadramento e padronização que possui, limitando a abertura de espaços para a espontaneidade, a novidade, a criação e a diferença.

Conforme Barbosa: “O excesso de rotinização impede a exploração, a descoberta, a formulação de hipóteses sobre o que está para acontecer” (2006, pág.45). Pois, esse excesso de rotina acaba não dando oportunidade do aluno expressar suas curiosidades e demonstrar suas potencialidades.

O foco na aprendizagem de conceitos, visando os resultados, tem diminuído o lugar da ludicidade no cotidiano escolar. Na realidade estudada, o brincar tem hora para acontecer. Houve dias que algumas crianças que traziam de casa seus brinquedos e que interagiam com eles durante as aulas, eram chamadas a atenção pela professora que os tomava e colocava no birô, afirmando não ser o momento de brincar.

A criança requer um ambiente favorável para aprendizagem e os aspectos que afirmam sua infância são indispensáveis. Conforme as crianças, o que mais gostam de fazer na escola é brincar e o que menos gostam é estudar, mas como seriam suas respostas se pudessem estudar brincando? David (BJEF) pode contribuir com essa indagação, ao dizer que: “O importante é ter educação, ter



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

brinquedo, ta faltando só brinquedo”. Ou seja, falta salgar o processo educativo, dar-lhe sentido, mas será que isso é pedir demais?

Em Toritama, as crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental colocam, justamente, nos brinquedos e nas brincadeiras, a diferença marcante em relação à escola anterior, ou seja, a Educação Infantil. Desse modo, é precisamente a brincadeira, ou melhor, a falta dela que gera por vezes tanto descontentamento das crianças no processo de ensino-aprendizagem do primeiro ano do Ensino Fundamental:

Na ota era tão bom, eu to com sadade de Michele...ela brincava também brincava cum noi, contava historinha...só essa que fai um texto, mas a outas não fazia, fazia um bem pequenininho porque noi era pequenininho ainda (Bem 10 – TEF), a outra escola tinha um monte de brinquedo...a gente brincava com a outra tia, lá na outra escola (Mulher Maravilha – TEF).

Os resultados apontam que as escolas, tanto da Educação Infantil como do Ensino Fundamental, pautam-se numa perspectiva futurista em relação à infância. O que é levado em consideração referente ao infante não é o que possui, mas o que lhe falta. Neste contexto, a criança só torna-se um ser completo, digamos assim, no futuro quando adulto. Assim, estão na Educação Infantil, mas com todo um trabalho voltado para o primeiro ano do Ensino Fundamental, e neste último nível preocupados com os níveis subseqüentes. Além do que são cobrados das crianças comportamentos de adultos e muitas vezes responsabilizadas como tal, de maneira que elas mesmas se cobram, como percebemos nos relatos abaixo: Erik (BJEF): “... tem que fazer tarefa, pra a gente ser alguém quando crescer, e trabalha.” Clécio (BJEF): “... aprendo a ler, escrever a ser alguém na vida”.

CONCLUSÕES

Em suma, os dados cotejados revelaram que a infância vivenciada na escola pelo olhar das crianças é uma infância reduzida diante das cobranças e imposições impostas. Todavia é preciso atentar que as reformas educacionais têm ocorrido na conjuntura brasileira tendencialmente de



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

forma abrupta, e os docentes se vêem obrigados a se adaptar as novas demandas, sem discussões, esclarecimentos ou formações prévias.

Como mencionado anteriormente, ampliar o Ensino Fundamental requer uma revisão na proposta de ensino. A criança que se insere no Ensino Fundamental é aluno, mas não deixa de ser criança, sujeito que possui especificidades que diferem das de um adulto e cujo ensino precisa ser adaptado. Mas, isso não significa dizer que na Educação Infantil a infância tem sido satisfatoriamente contemplada. Em Toritama a ludicidade na Educação Infantil era insatisfatória, mas comparado ao Ensino Fundamental demonstrou-se mais nítida. Já em Belo Jardim ocorria o inverso, sendo que em ambos os níveis, assim como em Toritama, a ludicidade tornava-se algo menor na dinâmica de sala de aula.

Em linhas gerais, a pesquisa sinalizou a necessidade de uma ressignificação da infância no contexto escolar principalmente no Ensino Fundamental. Demonstrou que o foco mais conteudista tem de fato limitado o tempo da infância e que o cotidiano das crianças tem sido fortemente marcado por uma lógica e uma cultura “escolarizante” que se demonstrou mais nítida no Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

GEERTZ, Cliffford. **A interpretação das culturas**. RJ:Guanabara, 1989.

KOHAN, Walter Osmar. **Infância. Entre Educação e Filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MORENO, Gilmara Lupion; PASCHOAL, Jaqueline Delgado. **A criança de seis anos no ensino fundamental: Considerações Iniciais**. In: BRANDÃO, Carlos da Fonseca. PASCHOAL, Jaqueline Delgado. (Orgs). **Ensino Fundamental de Nove Anos: teoria e prática na sala de aula**. São Paulo: Avercamp, 2009. Pág. 38-50.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

PINTO, Manuel. SARMENTO Manuel (Orgs). **As crianças: contextos e identidades**. Braga. Centro de Estudos da Universidade do Ninho, 1997.